

O TEXTO LITERÁRIO COMO REFLEXO DA VIDA HUMANA NO CONTO MACHADIANO NA PERSPECTIVA BARTHESIANA

Airton de Mesquita Silva (UFAC)

airtonm.silva@bol.com.br

Gisela Maria de Lima Braga Penha (UFAC)

gidilima7@gmail.com

RESUMO

Este artigo tem como suporte a leitura e análise do conto machadiano “a carteira”, com o objetivo de promover a leitura do texto literário sob o olhar da teoria literária, fundamentada na visão teórica de Roland Barthes e de sua definição de literatura que dialoga com o poder do texto literário, considerando os conceitos gregos de *mathesis*, *mimesis* e *simiosis*, sob os quais Barthes (1977) fundamenta seus estudos e seu ponto de vista na obra “aula”. O gosto literário ou pela literatura entre os alunos da educação básica tem acontecido de forma mecânica e reduziu-se apenas a atividades didáticas obrigatórias, o que dificulta a leitura e compreensão do texto literário, além disso, o ensino de literatura nas escolas se distanciou da teoria da literatura.

Palavras chaves:

Ensino. Literatura. Representação.

1. O gosto literário

É preciso estudar a literatura a partir do conhecimento mínimo de sua teoria, é preciso “saborear o texto”, no entanto essa não é uma tarefa fácil para os professores e a escola de modo geral. Aristóteles, na obra *Arte Poética*, concebe a literatura como mimese, uma criação artística da realidade por meio da palavra. As palavras, como matéria-prima da arte literária, criam os sentidos narrativos por meio da organização da linguagem. As narrativas surgem dessa organização envolvendo realidade e a criação estética da mesma. Dessa forma, este artigo tem como foco explicitar o texto literário a partir das experiências humanas presente neles.

Acredita-se que é na relação entre criação literária e realidade que a leitura do texto literário torna-se significativo para o leitor. A Semiótica, representada pelos estudos de Greimas (2002), valoriza o caráter sensível da experiência humana. A beleza do texto literário é vista pela capacidade de envolver o ser humano, criando uma identidade do mesmo com a narrativa, uma vez que o sujeito é capaz de se reconhecer no texto ou de com-

prender seu contexto social. Barthes, em sua obra *Aula* (2007), concebe o poder da criação do texto literário a partir das suas relações complementares com as ciências, relação com o conhecimento histórico e o discurso literário e na relação signo e semântica.

2. A literatura segundo Barthes

O poder da criação do texto literário reside no poder da língua, manifestada pela linguagem. Para Barthes (1977), a língua é um instrumento de poder e tem sua expressão máxima na linguagem. A língua e seus códigos permeiam os discursos limitando as expressões naturais da língua pelos seus falantes. Barthes (2007, p. 12), afirma que “A linguagem é uma legislação, a língua é seu código”. Para ele, sendo a língua uma “classificação”, torna-se “opressiva”. A partir do ponto de vista do autor acerca da língua e da linguagem, infere-se que é na literatura e no texto literário que a linguagem se manifesta com liberdade, sem se prender às regras gramaticais, buscando a essência das palavras para descrever o outro, para senti-lo, para envolvê-lo, numa narrativa que, organizada pela linguagem, reflete a sensibilidade e os dramas humanos. É nesse campo que a literatura atua.

Barthes (2007) reconhece que língua na língua “servidão e poder se confundem inelutavelmente”. Conclui-se que essa relação é indissolúvel. Por essa razão, Barthes (2007, p. 14), diz que “não pode então haver liberdade senão fora da linguagem. Infelizmente, a linguagem humana é sem exterior: é um lugar fechado”. Não se pode fugir desse cerco da linguagem, pois só se poderia sair por atos ausentes do domínio da palavra, o que é quase impossível. Segundo Barthes só seria possível “sair dela pelo preço do impossível: pela singularidade mística”, ou seja, pela ausência da palavra.

É a partir dessa visão da língua e linguagem que Barthes tece suas considerações sobre a Literatura. Por isso ele diz que para os homens comuns, como ele “só resta por assim dizer trapacear com a língua, trapacear a língua” (p. 15). Depreende-se dessa afirmativa que a liberdade se encontra na própria língua, mas é necessário encontrá-la por meio da linguagem e sua criatividade. Barthes (2007, p. 15), diz que “Essa trapaça salutar, essa esquiva, esse logro magnífico que permite ouvir a língua fora do poder, no esplendor de uma revolução permanente da linguagem, eu a chamo, quanto a mim: *literatura*”. É a capacidade humana de dominar a escrita e praticá-la tecendo seus textos, buscando sentidos na realidade, jogando com as pala-

vras que se encontra a liberdade da língua. Nesse sentido, a Literatura tem papel fundamental, através de seus autores. Sobre esse aspecto da literatura, Barthes (1977), afirma que:

As forças de liberdade que residem na literatura não dependem da pessoa civil, do engajamento político do escritor, que, afinal, é apenas um “senhor” entre outros, nem mesmo do conteúdo doutrinai de sua obra, mas do trabalho do deslocamento que ele exerce sobre a língua. (BARTHES, 1977, p. 16)

O autor não pretende reduzir a literatura apenas ao deslocamento da língua em si, mas que por meio desses deslocamentos linguísticos na construção do texto literário reside o poder libertador da literatura. Esse fato é comprovado nas inúmeras produções literárias existentes, seja poesia, romances, contos, teatro, música, etc. No conto machadiano, utilizado como objeto de estudo desse trabalho, é possível perceber, através da linguagem e da construção dos sentidos, como o autor envolve o leitor na sua trama sutilmente, através de sua criatividade com a língua empregada nas suas narrativas.

Para Barthes (1977), há uma força na literatura quase que involuntária dada sua forma de atuação. A maneira como a literatura atua sobre a realidade está além das ciências ideológicas, pois atua fundamentada em três forças indicadas pelo autor e diluídas na sua obra “Aula”, fundamentadas nos “conceitos gregos de: *Mathesis, Mimeses e Semiosis*” (p. 16), por isso não se pode negar o caráter realista da literatura. A visão barthesiana da literatura é fantástica. Segundo ele, se por questões ideológicas e políticas as disciplinas fossem retiradas da escola “é a literatura que devia ser salva, pois todas as ciências estão presentes no monumento literário”, (p. 16). Por essa razão, mesmo que o ensino da literatura na escola não dê a importância que ela merece, mesmo assim enquanto existir a humanidade e sua capacidade de sentir e interagir, a literatura existirá, pois Barthes (1977, p. 16), acerca da literatura, diz que “ela é realidade, isto é, o próprio fulgor do real”.

Pode-se dizer que a literatura atua em todas as áreas do conhecimento, porém com uma diferença observada por Barthes, que segundo ele, “a literatura faz girar todos os saberes, não fixa, não fetichiza nenhum deles; ela lhes dá lugar indireto, e esse lugar é precioso”. Ela ainda afirma que “a literatura trabalha nos interstícios da ciência: está sempre atrasada ou adiantada em relação a esta”. Por essa razão, a literatura é tão importante para a formação intelectual dos estudantes, porém é preciso que se construa com os estudantes um sentido para os estudos literários, sem deixar de lado os es-

tudos da teoria literária, pois é a partir desse conhecimento histórico, mimético, conceitual e estrutural que os textos literários ampliam sua significação para o leitor.

O conceito literário defendido por Barthes coloca o homem e seus sentimentos e ações como o elemento impulsionador dos conteúdos literários, tendo a linguagem como instrumento tradutor da realidade humana. Com a sutileza de um grande pensador, Barthes introduz uma visão inovadora da literatura, certamente uma das mais compreensível e clara definição de literatura, pois considera a sensibilidade da vida humana em detrimento da ciência. De acordo com ele, “A ciência é grosseira, a vida é sutil, e é para corrigir essa distância que a literatura nos importa”. O semiologista afirma ainda que “a literatura não diz que sabe alguma coisa, mas que sabe de alguma coisa, ou melhor, que sabe algo das coisas, que sabe muito sobre os homens” (p. 17). Essa sabedoria está no texto literário disponível para os “homens”, basta ler, mas para isso é preciso querer ler, querer saber e isso não nasce espontaneamente, precisa de estímulo, nesse sentido a escola tem papel fundamental.

Barthes (1977, p. 18), explica que “a literatura engrena o saber no rolamento da reflexividade infinita, através da escritura, o saber reflete incessantemente sobre o saber”. Nesse sentido, tem-se na linguagem o ponto de partida para os dizeres da literatura, e as palavras, como matéria prima do fazer literário, de acordo com Barthes (1977, p. 18), “são lançadas como projeções, a sobre o aspecto da palavra, explosões, vibrações, maquinaria, sabores: a escritura faz do saber uma festa”. É justamente essa festa da linguagem que se encontra no interior de uma obra literária, uma festa repleta de sentimentos, críticas, histórias, memórias, etc.

É na perspectiva literária barthesiana que este trabalho olhará para o conto machadiano. Barthes fala do “sabor” da palavra na escrita, diz que é necessário que as palavras tenham gosto para que o que digam realmente tenha efeito. Para ele, “É esse gosto das palavras que faz o saber profundo, fecundo” (p. 20). Dessa forma, Barthes enxerga na literatura a força dos saberes, ou seja, no texto literário encontram-se os saberes de todas as ciências estão no texto literário, uma vez que ele concebe a literatura como representação do real, isto é, a literatura abarca todos os saberes, sem se fixar a nenhum deles.

Outro fator considerado por Barthes como força da literatura, “é sua força de representação”, não qualquer representação, mas a representação

do “real”. (p. 20). Compreende-se então que os textos literários têm um encantamento capaz de prender a atenção do leitor porque há uma troca de sentimentos, como um reflexo da vida real na ficção, por essa razão os contos e romances prendem a atenção dos interlocutores, é como se o indivíduo participasse da cena e do cenário narrado através de um encantamento e envolvimento do sujeito gerado pela linguagem. Nesse contexto, de acordo com Barthes,

Pode-se dizer que a terceira força da literatura, sua força propriamente semiótica, consiste em *jogar* com os signos, ao invés de destruí-los, colocá-los numa maquinaria da linguagem, cujos breques e travas de segurança arrebataram, em suma, em instituir no próprio seio da linguagem servil, uma verdadeira heteronímia das coisas. (BARTHES, 1977, P. 27)

Nesse jogo com os signos, postulado por Barthes, consiste o sabor literário dos textos. Pode-se inferir que os conceitos gregos evocados por Barthes (*Mathesis*, *Mimesis* e *Semiosis*) resumem-se à sensação de prazer que o texto proporciona ao leitor. Portanto, o estudo da literatura precisa ser pautado considerando a realidade, o jogo de palavras, a ludicidade, a ironia, o drama, a sátira, a denúncia social, os costumes, tudo que está ligado ao ser humano e seu modo de ser e de estar no mundo.

3. O texto literário na escola

Promover o gosto pelo texto literário é, de certo modo, responsabilidade da escola. No entanto, a falta de projetos e atividades que envolva o trabalho com o texto literário ainda não é suficiente. Atualmente, o ensino da literatura se reduz ao conhecimento mecânico de sua periodização, temas e características linguísticas, sem considerar que a literatura, em primeiro lugar, é uma “prática social e, como tal, responsabilidade da escola”, como afirma Cosson (2009, p. 23). É necessário que a escola, por meio de sua equipe pedagógica, proporcione aos alunos momentos de interação com o texto literário, seja por contação de histórias, teatro, recital de poesias ou rodas de leitura, mas não se pode negar ao aluno esse conhecimento, pois no dizer de Antônio Candido, o aluno tem direito à literatura. Além disso, de acordo com Candido (1996, p. 249), “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante”. Acerca da atuação da escola no ensino de literatura Cosson afirma que:

[...] na escola é preciso compartilhar a interpretação e ampliar os sentidos

construídos individualmente. A razão disso é que, por meio do compartilhamento de suas interpretações, os leitores ganham consciência de que são membros de uma coletividade e de que essa coletividade fortalece e amplia seus horizontes de leitura. (COSSON, 2006, p. 65)

A escola tem na literatura uma fonte inesgotável de conhecimento que pode contribuir decisivamente na formação intelectual dos alunos. Através da leitura de romances, contos e poesias o estudante vivencia uma experiência única, pois cada ser tem sua particularidade impressa no texto literário. Aguiar e Bordini (1993, p. 86), afirmam que “A literatura não se esgota no texto”, ela se complementa na leitura reveladora de comportamentos assumidos pelo leitor através dos conteúdos literários e a forma como são organizados para o leitor. Cosson (2009, p. 29), conclui que “O segredo maior da literatura é justamente o envolvimento único que ela nos proporciona em um mundo feito de palavras”. Por essa razão, Barthes defende a literatura por sua capacidade de envolver o leitor a partir do jogo de palavras, uma vez que segundo ele, não se pode existir discurso fora da linguagem.

4. *Leitura e análise do conto machadiano a carteira na perspectiva barthesiana*

O ser humano possui essa capacidade de fingir. Discutir até que ponto e quais consequências para a vida é tarefa do professor com os alunos, tendo o texto literário como suporte. Joaquim Maria Machado de Assis é considerado o ícone da literatura brasileira. Suas obras são peculiares, nelas o escritor deposita toda sua criatividade e conhecimento linguístico na abordagem temática de suas obras. Em sua trajetória literária escreveu romances, poesias, contos, peça de teatro, crônicas, etc. Machado de Assis tinha uma capacidade incomparável de abordar temas da realidade social de sua época, fundamentado nas ciências, sobretudo, a psicologia, trazendo nos seus textos as contradições do ser humano e suas crises existenciais, sempre dialogando com a realidade.

No conto machadiano “A carteira”, verifica-se que o texto envolve o leitor em expectativas, pois há um diálogo entre a ficção e o cotidiano social, revelado na construção e caracterização dos personagens e de seus comportamentos ao longo do conto. O que propomos com esse trabalho é fazer uma leitura e análise do conto “A carteira” observando os postulados defendidos por Barthes (1977), buscando na leitura do texto perceber as for-

ças literárias que refletem as sensibilidades do leitor, fazendo-o sentir emoções, pois ali no texto há um significado da realidade impresso nas palavras do texto.

Com o objetivo de promover a leitura do texto literário com uma metodologia baseada na proposta de Barthes (1977), elaboramos uma sequência didática para aplicar numa turma de 9º Ano. Para isso, inicialmente, faremos leitura do texto literário do gênero conto, analisaremos seus elementos estruturais, buscando relacionar o conteúdo com a realidade social, a partir das informações que Machado de Assis dá através da referida obra. Como procedimentos metodológicos, iniciaremos a aula problematizando o título da obra: A carteira, questionando os alunos acerca do que tratará o texto a partir do título, a fim de que o aluno vá percebendo que cada palavra que o autor emprega no texto tem seu sentido e sua função, nada é aleatório em literatura.

Após os questionamentos e respostas orais dos alunos, utilizaremos outras linguagens para abordar o conto, como apresentar uma imagem, na qual estão os três personagens principais do conto e indagar os alunos sobre que mensagem a sena descreve. Além disso, será apresentado também um vídeo adaptado, a fim de que o aluno se envolva mais com a leitura do conto, após esse momento será feita a leitura do texto pelo professor.

Além disso, será utilizado também, no final das atividades, uma adaptação do conto para o teatro. Esse texto será entregue aos alunos e, voluntariamente, faremos a leitura dramatizada. Após esse momento, será feita a contextualização e análise do texto a partir de seus elementos estruturais, seus personagens, suas trajetórias no conto, encerrando com um debate sobre as temáticas presentes no conto de Machado de Assis, A carteira.

O primeiro ato de Machado de Assis no conto A carteira é apresentar, logo no início, o personagem Honório encontrando uma carteira na rua. Um ato simples, comum a qualquer pessoa, porém, o autor logo introduz uma perturbação no leitor através da construção do texto, vejam que ele é enfático em dizer, “ninguém viu”, no entanto, ele volta atrás e diz, “salvo um homem”. Ou seja, ele quer dizer ao leitor que alguém viu a cena, esse fato vai refletir na atitude do personagem, no seu comportamento psicológico, uma vez que o narrador é onisciente.

Esse fato vai deixar o personagem “envergonhado”. Então, Machado apresenta o personagem em um ato que causou vergonha, descrevendo as-

sim uma das características de seu personagem. E a vergonha é um sentimento tipicamente humano, reconhecido dentro da cultura por atos de desvios de conduta ética. Só com a leitura do primeiro parágrafo do conto dá para refletir sobre ética, vergonha, etc.

O conto em questão é tramado tento três personagens principais: além de Honório, tem Amélia e Gustavo, completando a tríade que Machado de Assis tem habilidades de trabalhar em suas obras. Seguindo a trajetória de Honório, o autor dá outra informação importante, “Honório tem de pagar amanhã uma dívida, quatrocentos e tantos mil-réis, e a carteira trazia o bojo recheado”. Esse fato por si só deixa qualquer ser humano apreensivo.

Honório era advogado, representava uma elite social bem sucedida. Por essa razão não poderia está em condição financeira mal. “A dívida não parece grande para um homem da posição de Honório, que advoga”, no entanto era um homem endividado, tendo como principal justificativa, despesas familiares, com ênfase para os gastos com a mulher, no caso Amélia. “Gastos de família excessivos, a princípio por servir a parentes, e depois por agradar à mulher, que vivia aborrecida da solidão”, (p. 1).

Essa cena descrita por Machado de Assis vai dando pistas de que Honório não tinha controle nem financeiro nem das atitudes da sua mulher. Certamente, não assumia nem para os amigos próximos sua situação econômica, a fim de manter as aparências sociais, fato revelado, no texto, pelo diálogo entre Honório e Gustavo. “– Tu agora vais bem, não? dizia-lhe ultimamente o Gustavo C..., advogado e familiar da casa. – Agora vou, mentiu o Honório”. O fato de dissimular a realidade é comum em Machado de Assis, porém tem um propósito reflexivo, pois na sociedade nem tudo aquilo que se apresenta corresponde à realidade. Para suscitar uma reflexão em sala de aula sobre esse aspecto é preciso indagar os alunos sobre os casos que, por ventura eles têm conhecimento na realidade.

Quando propomos essa reflexão na turma de 9º ano ouvimos respostas simples como “sim”, porém os alunos não detalham mais talvez devido a faixa etária, por isso foi preciso um direcionamento da discussão para a faixa etária de 13 a 14 anos. O importante foi constatar que eles conseguem fazer a ponte entre o conteúdo do texto literário e a realidade. Machado de Assis vai tecendo a caracterização do personagem Honório como um ser preocupado com dívidas, com a reputação jurídica, uma vez que era advo-

gado e não estava bem visto devido ter perdido causas importantes, além de esconder a realidade para a própria esposa.

Nesse trecho da obra percebemos essa dissimulação do personagem, “D. Amélia não sabia nada; ele não contava nada à mulher, bons ou maus negócios. Não contava nada a ninguém. Fingia-se tão alegre como se nada fosse em um mar de prosperidades” (p. 1). Essa situação na qual está Honório inserido no conto, Machado de Assis quer explorar o interior da vida humana e como essa pressão psicológica do ser humano acaba se manifestando na realidade. Como perceber isso na narrativa?

Para que o leitor perceba as inquietações interiores do personagem Machado de Assis nos dá as lágrimas de Honório. “Um dia, a mulher foi achá-lo dando muitos beijos à filha, criança de quatro anos, e viu-lhe os olhos molhados”. Logo adiante o autor dá explicações para essa cena. “Compreende-se que era o medo do futuro e o horror da miséria”. (p.1). “Com metáfora dos “olhos molhados”, Machado de Assis, sendo narrado onisciente”, revela para o leitor os sentimentos e perturbações do personagem através do diálogo que vai estabelecendo com o interlocutor ao longo da narrativa.

Além disso, o conto machadiano em análise trás em seu bojo discussões sobre ética e lealdade, pois o fato envolvendo o ato de encontrar a carteira com dinheiro, ter uma dívida para pagar e saber que a carteira era do “amigo” e que não era certo utilizar o dinheiro para suas necessidades provoca uma reflexão sobre até que ponto as pessoas conseguem ser leais aos amigos e éticos em um mundo cada vez mais perverso. O narrado diz que “A consciência acabou por lhe dizer que não podia, que devia levar a carteira à polícia”. (p. 2). Isso antes mesmo dele saber de quem era a carteira. Machado de Assis trabalha com o psicológico do personagem, revela seu pensamento ao buscar revelar a consciência do personagem através de um monólogo do mesmo sobre sua atitude. “Se houver um nome, uma indicação qualquer, não posso utilizar-me do dinheiro” (p. 2).

O personagem descobre que o dono da carteira é seu amigo Gustavo. Essa constatação leva a narrativa para a certeza de que teria que devolver ao amigo. Esse fato também rendeu uma boa discussão em sala, pois leva a turma a refletir, como defende Barthes, sobre o contexto social e sobre atitudes reais dessa natureza. Cada aluno tem um olhar e uma experiência diferente a compartilhar, como por exemplo: “achei o celular de um amigo e devolvi”, “vi uma carteira caindo da bolsa de uma mulher e avisei a ela”,

“meu irmão encontrou uma carteira com dinheiro e documentos e levou pra rádio e o dono foi pegar”, foram algumas falas ao discutir a leitura do conto.

Outra cena descrita no conto é a relação entre D. Amélia e Gustavo, amigo do casal. Essa tríade que Machado de Assis cria e dá vida no conto vai suscitar a dúvida, a desconfiança e a ambiguidade do conto. Isso é dito com muita sutileza pelo narrado. “Chegando a casa, já ali achou o Gustavo, um pouco preocupado, e a própria D. Amélia o parecia também.” (p.2). É nessa cena que se revela o ápice da dissimulação dos personagens. O encontro é um ponto chave do conto porque as três personalidades aparecem como que mascaradas. Honório não assume a realidade, Gustavo e Amélia “parecem preocupados”, porém só Honório tem motivos de preocupações revelados no texto.

Até o momento do encontro os demais personagens não têm motivos para preocupações maiores, mas ficam surpreendidos talvez com a chegada de Honório a casa. A cena seguinte parece mais tensa quando Honório fala que encontrou a carteira. Nesse momento a reação de Gustavo é dúbia, pois o mesmo parece que está mais preocupado com outra coisa que com a carteira, fato que o texto comprova no diálogo seguinte:

- [...] e perguntou ao amigo se lhe faltava alguma cousa.
- Nada.
- Nada?
- Por quê?
- Mete a mão no bolso; não te falta nada?
- Falta-me a carteira, disse o Gustavo sem meter a mão no bolso. Sabes se alguém a achou? (ASSIS, 2003, p. 3)

A imitação da realidade defendida por Barthes (1977), sob o conceito grego da *Semiosis* configura nessa cena do texto literário, pois temos três expectativas diferentes: Honório que deseja a consagração de seu ato de lealdade, ética e honestidade ao amigo. Gustavo que fica apreensivo como se tivesse sido pego em flagrante delito e D. Amélia que parece apenas preocupada. A reação esboçada por Gustavo é recebida por Honório de forma negativa ao devolver a carteira com todo conteúdo intacto. “Gustavo pegou dela precipitadamente, e olhou desconfiado para o amigo. Esse olhar foi para Honório como um golpe de estilete” (p. 3).

A preocupação de Gustavo em saber como Honório conheceu sua carteira leva o leitor a crer que havia ali um triângulo amoroso, Não assumido pelo eu lírico do personagem Honório, mas revelado por nuances textuais, descritas no último parágrafo do conto: “Então Gustavo sacou nova-

mente a carteira, abriu-a, foi a um dos bolsos, tirou um dos bilhetinhos, que o outro não quis abrir nem ler, e estendeu-o a D. Amélia, que, ansiosa e trêmula, rasgou-o em trinta mil pedaços: era um bilhetinho de amor” (ASSIS, 2003, p. 3).

A última cena do conto mostra que Gustavo, possivelmente, mantém um afeto por D. Amélia, porém o texto não dá mais detalhes deixando as conclusões por conta do leitor. No entanto o estado de espírito dos personagens revelados no texto leva a crer que há um triângulo amoroso no texto. Esse conto abre possibilidades de várias discussões de temas transversais como família, sociedade, ética, respeito, honestidade, etc. Cabe à escola e ao professor fazer as adaptações.

O drama da vida real exposto através do personagem Honório mostra o quanto o ser humano é vítima de si mesmo. Esse personagem, com uma reputação profissional afetada, endividado por gastos excessivos com a esposa e a família dela, além de outros fatores deixa o personagem um tanto depressivo, preocupado, porém guarda para si, deixando transparecer para a sociedade que está tudo bem com ele em todos os aspectos. A trajetória desse personagem é essencial para a leitura e análise do conto. Através do olhar da teoria barthesiana é possível ler e analisar um texto literário de uma forma eficaz.

Gustavo, apresentado no conto como advogado, possível amante de Amélia e amigo de seu marido, mantinha uma relação de troca de bilhetes com Amélia. Por outro lado, Amélia, fazia com que Honório gastasse com coisas supérfluas para suprir sua solidão, como destacado no texto. “Gastos de família excessivos, a princípio por servir a parentes, e depois por agradar à mulher, que vivia aborrecida da solidão.” O narrado caracteriza seus personagens focando nos problemas sociais muitas vezes velados no seio da sociedade de seu tempo. No entanto, na análise do conto sob o viés da teoria barthesiana, percebemos que a Literatura é atemporal, uma vez que nas da experiência humana, por essa razão o conto é atual sempre nas suas abordagens temáticas.

Outro fator importante nesse tipo de leitura e análise do texto literário em sala de aula é a utilização de recurso de linguagem diferenciados. Nessa atividade utilizamos vídeo, imagem e o texto adaptado para o teatro. Recurso da linguagem que permitiram maior compreensão da leitura do conto.

A imagem foi projetada na sala e explorada as possíveis mensagens que o texto da imagem transmite, buscando fazer uma relação com o título e conteúdo do conto. Os alunos apontaram muitas possibilidades, entre elas, a de que se tratava de um “triângulo amoroso”. Segue a imagem utilizada na atividade:



Figura 1

A utilização desse recurso permitiu uma leitura de imagem, fazendo uma relação com o termo “A carteira”, que forma o título do conto. Para realização dessa atividade foi utilizado o projeto e disponibilizado a imagem impressa a cada aluno. Outro recurso utilizado depois da imagem foi um vídeo retirado da internet, no qual há uma adaptação do conto. Um vídeo curto, menos de três minutos, mas que coloca o aluno em contato com a trama do conto. Para finalizar, realizamos a adaptação do conto para um texto teatral para ser lido e dramatizado pelos alunos. Com um pouco de ensaio a apresentação foi feita com o objetivo de fixar o enredo do conto.

Após essas atividade problematizadora, a exposição dos elementos estruturais da narrativa se tornam mais compreensível para os alunos. Entender o que é o foco narrativo de um texto a partir do comportamento de seus personagens é muito mais significativo que dizer apenas que o narrado é onisciente. Bem como falar sobre tempo cronológico e psicológico, espaço e enredo. Esses elementos estruturais estudados mecanicamente, fora do contexto do texto literário tornam-se muito complexo para o aluno absorver, entretanto, com um pouco de trabalho e um planejamento fundamentado em uma teoria eficiente é possível que haja o “letramento literário” efetivamente.

Além disso, a temática abordada no conto trata do comportamento fútil da elite da sociedade carioca do final do século XIX, como a falsidade, o adultério, a lealdade, a desonestidade e honestidade, a fidelidade, entre outros problemas sociais da época. Essas temáticas são discutidas no texto literário de uma forma quase que real, pois as narrativas literárias fundamentam-se em princípio da *Verossimilhança*. No conto *A carteira*, isso ocorre pelos atos de traição no casamento, endividamento das pessoas por gastos com superficialidades, pela dissimulação das pessoas, como Honório que escondia sua real situação financeira, além da falsidade presente nas amizades entre as pessoas, no caso de Gustavo que trai a amizade e confiança de Honório ao trocar bilhetes com sua esposa.

Esses temas possibilitam várias atividades para discussão em sala de aula, optamos por uma exposição oral dos alunos acerca desses comportamentos sociais abordados no conto, presentes na sociedade atual. Enfim, o conto é uma fonte inesgotável de informações que precisa ser acessada pelos estudantes, pois a Literatura é um instrumento de formação intelectual infalível. Como diz Candido (1995, p.175), acerca da Literatura, “ela é fator indispensável de humanização.” Portanto, não se deve negar ao aluno o direito de “saborear” um texto literário na sua prática de estudante.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGUIAR, Vera Teixeira e BORDINI, Maria da Glória. *Literatura e formação do leitor: alternativas metodológicas*. Porto alegre: Mercado Aberto, 1993.

ASSIS, Machado. *A carteira*. In: ASSIS, Machado de. *Contos de Machado de Assis*. São Paulo: DCL, 2003.

CANDIDO, Antonio. O direito à literatura. In: *Vários escritos*. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 235-63

COSSON, Rildo. *Letramento literário: teoria e prática*. São Paulo: Contexto, 2009.

GREIMAS, Algirdas Julien. *Da imperfeição*. São Paulo: Hacker. 2002.

Vídeo adaptado do conto “A carteira”, disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=9dy8eogKurw&t=7s>. Acesso em setembro de 2018.